

Apresentação

O presente artigo escrito por Haydée Guanais Dourado, em 1948, entende que a educação é um ramo das ciências sociais, e portanto deve considerar os impactos das mudanças sociais freqüentes, nos processos de educação. Para a autora, a educação na escola de enfermagem “é um dos modos pelos quais a sociedade transmite conhecimentos, técnicas e atitudes”, visando preparar profissionais para diferentes atuações. Haydée Dourado destaca quatro pontos considerados importantes de serem analisados, quais sejam: 1º - “Natureza e origem do controle das escolas de enfermagem no Brasil”, nesse item destaca as diferentes formas de vinculação das escolas de enfermagem (Departamentos de Saúde; Universidades; Áreas de Serviço Religioso, Área de Educação; e Hospitalar), acompanhadas de um breve comentário acerca do impacto dessas vinculações para a educação em enfermagem; 2º - “Tendências quanto às facilidades materiais da escola de enfermagem”, com ênfase para a necessidade de se assegurar Laboratórios bem equipados; Hospitais gerais, com serviço de enfermagem de alto padrão; Serviços adicionais de psiquiatria, obstetrícia, pediatria e moléstias infecto-contagiosas; Serviços de saúde urbano e rural; Biblioteca; Residência adequada às necessidades das alunas; e Facilidades para o cuidado com a saúde das estudantes. O 3º ponto abordado foi “Qualificações do pessoal docente”, sendo observado que em um país com cerca de mil enfermeiras diplomadas, não seria recomendável exigir, mesmo que considerado essencial pela autora, que as enfermeiras fossem preparadas em cursos de pós-graduação para o corpo docente das escolas de enfermagem e para os postos de mais relevo na administração de serviços de enfermagem hospitalar e de saúde pública. Por último, a autora apresentou o 4º tópico que referiu-se ao “Tempo arbitrado e as atividades essenciais para a formação de enfermeiras”, e acrescenta que em sendo a Escola de Enfermagem um dos vários institutos de ensino superior, deveria ter a duração correspondente a dos demais cursos de nível superior. Estas questões abordadas por Haydée Guanais Dourado há tantas décadas, parece-nos ainda hoje, objeto de reflexão e avaliação por parte das nossas entidades associativas e de enfermeiros, de modo geral.

Antonio José de Almeida Filho

Lúcia Helena Silva Corrêa Lourenço

Fernando Rocha Porto

Membros da 12ª Diretoria Colegiada do Nuphebras

ALGUMAS TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS (*)

HAYDÉE GUANAIS DOURADO (**)

A formação de enfermeiras, isto é, educação, é para alguns uma filosofia, podendo haver portanto várias correntes de opinião. Consideramos, entretanto, a formação de profissionais, se tem que alicerçada em conceitos filosóficos, atividade essencialmente científica.

Educação é um ramo das ciências sociais e não pôde ser considerada sem a premissa de que na sociedade há mudanças contínuas. O impacto de mudanças sociais constantes deve produzir mudança nos processos de educação para a consecução dos seus fins. A educação na escola de enfermagem é um dos modos pelos quais a sociedade transmite conhecimentos, técnicas e atitudes visando preparar profissionais para as tarefas necessárias ao cuidado de doentes, à prevenção de doenças e à implantação de ideais e hábitos para a promoção da saúde do povo. Definindo assim o objetivo da escola de enfermagem vejamos se, no presente estamos facilitando às escolas a realização do seu objetivo.

I — NATUREZA E ORIGEM DO CONTRÔLE DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL

O contrôlo das escolas de enfermagem se exerce através de uma dependência administrativa com o fim de subordinar a instituição aos interesses do órgão de hierarquia superior. Toda a vez que fôr educação o interesse do órgão a que se subordina a escola de enfermagem, o contrôlo se exerce apropriadamente, havendo a unidade de propósitos entre o órgão superior e o dependente.

Quanto à origem do contrôlo das escolas de enfermagem não encontramos uma tendência só, mas várias. A primeira escola de alto padrão, fundada em 1923, foi criada no Departamento

(*) Trabalho apresentado ao II Congresso Nac. de Enf.

(**) Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia.

TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS 167

de Saúde. A segunda escola, fundada em 1933, está atualmente localizada no Departamento de Saúde de Minas Gerais. Ocorreu uma mudança de controle na escola padrão em 1937, tendo passado à Universidade do Brasil, como instituição complementar. O decreto diz que o ensino ministrado na escola fazia jus à passagem para a Universidade, e em 1946 a escola adquiriu o status de instituto universitário. Das outras escolas fundadas depois, algumas se localizam em áreas de serviço religioso, como as Escolas de São Vicente de Paulo de Goiás e do Ceará, a Escola de Enfermeiras Católicas Luiza de Marillac, a Escola Florence Nightingale e a Escola que funciona no Hospital Pedro II, em Recife. A Escola Magalhães Barata deve ser classificada entre as dos Departamentos de Saúde, bem como a de Juiz de Fora, inaugurada em 1947. Em 1942 foi criada na Universidade de São Paulo a Escola de Enfermagem de São Paulo, anexa à Escola de Medicina, sendo a segunda escola governamental em área de educação no país. Em 1944 foi criada outra escola de nível universitário em Niterói: o decreto de criação menciona dever a escola passar à Universidade que vier a ser criada no Estado do Rio. A Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina, a nosso ver, deve ser considerada localizada em área de educação, uma vez que o Hospital tem como função assistência e, também, ensino, sendo o Serviço de Enfermagem desse hospital subordinado à Escola. Funciona na Prefeitura do Distrito Federal a Escola Raquel Haddock Lôbo, autônoma, na Secretaria da Educação e Saúde. A Cruz Vermelha Brasileira mantém uma Escola de Enfermeiras. Em 1946 foi criada na Bahia, anexa à Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem e Serviços Sociais; em 1947, iniciado o funcionamento da Escola de Enfermagem, passou ela a integrar a Universidade da Bahia de criação recente. Procurando sintetizar as tendências de localização de Escolas de Enfermagem encontramos:

1. Escolas governamentais fundadas em lugares onde há Universidades, foram sistematicamente aí localizadas, exceto no caso de Minas Gerais.
2. A existência ainda de três unidades da Federação que, possuindo embora suas Universidades, nelas não fundaram Escolas de Enfermagem, e que são: Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco.
3. A criação sucessiva de Escolas de Enfermagem por Congregações Religiosas, denota haver recursos para tal

- empreendimento, sendo pois de grande interesse um estudo dos recursos que porventura ainda existam nessas áreas para a criação de outras escolas.
4. Uma tendência para a criação de Escolas de Enfermagem em Departamentos de Saúde.
 5. O hospital, sendo uma instituição cujo fim precípua é assistência, não oferece condições próprias para funcionar como órgão do qual dependa a escola de enfermagem. Entretanto já há no nosso país a tendência, por parte dos hospitais, de ter sob seu controle escola de enfermagem.

II — TENDÊNCIAS QUANTO AS FACILIDADES MATERIAIS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM

As facilidades materiais da Escola de Enfermagem para que ela possa realizar seus objetivos são as seguintes:

1. Facilidades para o ensino das disciplinas pré-clínicas inclusive laboratórios bem equipados.
2. Hospital geral com 100 leitos, no mínimo, com espaço e facilidades para ensino, e com serviço de enfermagem de alto padrão.
3. Serviços adicionais de psiquiatria, obstetrícia, pediatria e moléstias infecto-contagiosas, na mesma instituição ou separados.
4. Serviços de Saúde urbano e rural.
5. Bibliotéca.
6. Residência que capacite à Escola colocar as estudantes no nível de vida que a instituição considera adequada, inclusive facilidades para desportos e recreação.
7. Facilidades para o contato com a saúde das estudantes.

É provável que tenhamos a tendência de cuidar em primeiro lugar da residência. Como temos de arbitrar o tempo essencial para a execução do trabalho educacional, seria talvez mais proveitoso centralizarmos as várias seções da instituição o mais próximo possível do hospital geral, mesmo porque constitui um problema para o bom aproveitamento das outras facilidades (pacientes, prontuários, laboratórios, bibliotéca, etc.) a residência à distância.

TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS 169

Temos a tendência de não cogitar de espaço e equipamento para o ensino clínico. Submergimos tanto a educação em serviço da enfermagem que, no hospital, as estudantes não têm espaço para consultar livros e a supervisora não tem, via de regra, onde reunir as estudantes em estágio para lhes ministrar ensino. Ela mesma, às vezes, não dispõe de uma escrivaninha própria e um estante de livros onde possa reunir seu material para o ensino.

Quanto aos laboratórios, há escolas que têm bons laboratórios, outras utilizam de empréstimo às Faculdades de Medicina, o que é muito mais conveniente do que diminuir a eficiência do ensino, utilizando pequenos laboratórios de análise clínica pouco equipados.

Um ponto que merece exame cuidadoso é a organização das bibliotecas. Com o interesse crescente pela língua inglesa, talvez seja preferível dirigirmos nossos esforços, em primeira etapa, para que todas as estudantes leiam nessa língua, tendo como objetivo último a criação de uma literatura profissional produzida por nós. As bibliotecas, abertas dia e noite, com um sistema de referência adequado, com livros e revistas acessíveis às consulentes, nos parece ser o meio de conseguirmos mais consultas.

III - QUALIFICAÇÕES DO PESSOAL DOCENTE

Em um país onde há apenas um milhão de enfermeiras diplomadas, não se pôde pensar em preencher o requisito, embora essencial, de ter enfermeiras preparadas em cursos de pós-graduação para o corpo docente das escolas e para os postos de maior relevo na administração de serviços de enfermagem hospitalar e de saúde pública. Entretanto, não estamos, talvez aproveitando economicamente o potencial humano de que dispomos para o ensino, pela urgência de aproveitamento imediato dos seus serviços. Para fazer funcionar nossos cursos de pós-graduação, já criados em algumas escolas, temos inicialmente de vencer duas dificuldades, uma, a de conseguir professoras, e outra, a de conseguir alunas. As professoras, enfermeiras, com preparo para ensino nesse nível pós-graduação — são poucas. E as alunas — enfermeiras com tempo disponível para passarem um ano estudando — são ainda mais escassas. Resta, para a primeira das dificuldades, encorajar enfermeiras capazes a continuarem seus estudos, conseguir bolsas de estudos no estrangeiro, deixar cursar outros institutos de ensino superior no país; e, para a segunda dificuldade, valeremo-nos de comissionamentos

e de trabalho em tempo parcial. São, pois as exigências dos serviços de enfermagem que não deixam vagar para aperfeiçoamento profissional às enfermeiras, em muitas instâncias. Os pacientes precisam ser atendidos, nos hospitais e nos serviços de prevenção da doença e promoção da saúde.

Tôda vez que fôr possível, as escolas de enfermagem devem estimular o aperfeiçoamento profissional das enfermeiras. Temos feito o rodízio em tão diferentes especialidades que a enfermeira não se sente capaz de aprofundar seus conhecimentos em tôdas elas. Talvez isto ocasione certa falta de estímulo para estudo e pesquisa. O curso básico não pode fornecer mais do que um bom alicerce para nele edificar-se a cultura profissional mais tarde, feita por meio de experiência, informação e pesquisa.

Os cursos que são mais acessíveis e, ao mesmo tempo, de mais proveito para as enfermeiras, são os de pós-graduação nas escolas de Enfermagem em algumas Faculdades de Estudos Graduados, tais como na da América do Norte, os cursos das nossas Faculdades de Filosofia, os da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, e, talvez, os que já estão criados por lei, ou em processo de criação, na Escola de Enfermagem de São Paulo, na Faculdade de Saúde Pública de São Paulo e na Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia.

IV — O TEMPO ARBITRADO E AS ATIVIDADES ESSENCIAIS PARA A FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS

Como herança do passado, quando a aluna da Escola de Enfermagem tinha um status mais parecido com o de funcionária do hospital do que de estudante, as escolas afirmavam manter cursos de três anos mas reservavam a si o direito de encurtar as férias escolares. Até hoje há diferentes expressões para designar a duração do curso. Se a Escola de Enfermagem é um dos muitos institutos de ensino superior, parece mais simples usar a mesma medida de tempo que os outros todos, e, se a estudante permanece em atividade de educação durante 32 meses, ela cursa o equivalente a quatro anos, posto que o ano acadêmico sempre tem a duração de oito meses.

Tomando o curso de quatro anos, tracemos as linhas mestras para construção do currículo escolar. Precisaremos de um período para formar os alicerces, e o período pré-clínico, onde são selecionadas as ciências básicas. A duração dessa fase introdutória deveria ser de 6 a 8 meses, se quisermos dar uma base em ciências físicas e biológicas. A seguir é de boa norma em

Se forem atendidos todos esses requisitos o país não terá capacidade de manter muitas escolas de alto padrão. Urge tê-las boas e em pequeno número e ter muitas centenas de escolas de auxiliares, com curso de dois anos.

Estudada assim, sucintamente, a escola de enfermagem atual, somos de parecer que as seguintes recomendações são oportunas para melhorar a formação de enfermeiras afim de servir melhor à sociedade atual:

- 1) As Escolas de Enfermagem devem estar na dependência administrativa de instituições educacionais.
- 2) Que as Escolas de Enfermagem só obtenham equiparação quando satisfaçam os requisitos normais de instituto de ensino superior, quanto a corpo docente, condições de prática das alunas, equipamentos e requisitos de admissão que incluam curso secundário completo, 1.^o e 2.^o ciclos, ou curso normal.
- 3) Que a duração do curso, ora de 36 meses, seja denominada de "quatro anos acadêmicos".
- 4) Que se inicie o funcionamento dos cursos de pós-graduação logo que seja possível, atendendo-se rigorosamente à satisfação dos seus requisitos essenciais.
- 5) As Escolas de Enfermagem devem criar fóra de sua sede, e de acordo com suas facilidades disponíveis quanto a pessoal, centros de preparo de técnicos, auxiliares hospitalares e sanitários, podendo localizar esses centros de preparo de pessoal subsidiário em hospitais e departamentos de saúde, propugnando para que sejam os candidatos rigorosamente selecionados, com curso de ginásio, no mínimo, como requisito para admissão.